



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO, DE 2022 - 21H30

“O Pátio das Cantigas”, de Francisco Ribeiro (1942)



Realização: Francisco Ribeiro/Ribeirinho; Assistente geral: Fernando Garcia; Argumento: António Lopes Ribeiro , Vasco Santana , Francisco Ribeiro/Ribeirinho; Diálogos: António Lopes Ribeiro , Vasco Santana , Francisco Ribeiro/Ribeirinho; Direcção de fotografia: César de Sá; Cenários: Roberto Araújo; Decoração: Américo Leite Rosa , Silvino Vieira ; Música: Frederico de Freitas; Música das canções: Frederico de Freitas , Eliezer Kamenesky; Letras das canções: António Lopes Ribeiro; Assistente musical: Jaime Silva Filho; Montagem: Vieira de Sousa; Som: Sousa Santos; Produção: António Lopes Ribeiro Com Maria das Neves, Vasco Santana, António Silva, Laura Alves, Barroso Lopes, Carlos Otero, António Vilar, Maria Paula, Graça Maria, João Silva, Carlos Alves, Eliezer Kamenesky, Regina Montenegro, Armando Machado, Reginaldo Duarte, Pereira Saraiva, Maria da Graça, Francisco Ribeiro/Ribeirinho, Casimiro Rodrigues, Artur Rodrigues, João Guerra, Joaquim Amarante, Armando Pedro. Duração: 125 minutos; Estreia: Eden, 23 de janeiro de 1942

«O Pátio das Cantigas», de Francisco Ribeiro

Passemos a referir-nos às produções desse ano, pela sua ordem de exibição pública. O primeiro em causa é “O Pátio das Cantigas”, segundo filme de Produções António Lopes Ribeiro.

Nessa época não existia qualquer organismo oficial que, mais ou menos prodigamente, pusesse à disposição dos produtores avultadas verbas, como em anos futuros viria a suceder, primeiro com o modesto Fundo de Cinema e mais tarde pela ação magnânima de concessão de subsídios, geralmente avultados, pelo Instituto Português de Cinema. Havia então que ter em conta o êxito comercial dos filmes como forma de se alcançarem os meios financeiros necessários para acorrer a produções seguintes. O que é certo é que os responsáveis pelas Produções António Lopes Ribeiro insistiram na produção de uma comédia de costumes bem lisboetas que pela previsão da clara aceitação do público e pela inclusão garantida dum naipe de intérpretes com larga popularidade, obtivesse desejado êxito. Haverá que chamar a atenção para o facto absolutamente louvável de que se pretendeu igualmente dar oportunidade a elementos novos que não tivessem tido ainda oportunidade de se lançarem na realização de filmes de grande metragem com base num argumento. Foi o que sucedeu com “O Pátio das Cantigas”.

António Lopes Ribeiro daria assim a seu irmão Francisco, o conhecido ator Ribeirinho, ensejo de que ele, respeitado homem de teatro, se estresse na direção desse tipo de filmes, como na produção seguinte daria essa oportunidade a Manuel de Oliveira, ao convidá-lo a dirigir “Aniki-Bóbó”, seguindo-se-lhe depois Fernando Garcia.

“O Pátio das Cantigas” dispôs de um excelente elenco, com a seguinte distribuição: Maria das Neves (que voltava ao cinema muitos anos depois do primeiro filme da Invicta “Frei Bonifácio”, de 1918) personificava a figura da Senhora Rosa; António Vilar – Carlos Bonito; Maria Paula – Amália; Laura Alves – Celeste; Vasco Santana – Narciso; António Silva – Evaristo; Barroso Lopes – João Magrinho; Carlos Otero – Alfredo; Francisco Ribeiro – Bonifácio; Graça Maria – Suzana; Carlos Alves – Engenhocas; João Silva – Sr. Heitor; Regina Montenegro – Senhora Margarida; Armando Machado – «Arnesto» Marques; Armando Pedro – o Caixa; Pereira Saraiva – «Bicente» Marques; Reginaldo Duarte – Sebastião Marques; Casimiro Rodrigues – um freguês; Artur Rodrigues – Artur Chóchina; Maria da Graça – Maria da

Graça; João Guerra — o Agente Fernandes; Joaquim Amarante — 2.º Agente; Eliezer Kamenesky — Boris do Nove. Como se vê, um grande número de intérpretes vindos de «O Pai Tirano».



No que respeita aos técnicos, a respetiva ficha foi constituída por Francisco Ribeiro -Ribeirinho — realizador; argumento e diálogos de António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Ribeirinho; fotografia de César de Sá, tendo como assistentes Perdigão Queiroga e João Silva; cenários de Roberto de Araújo; assistentes de decoração, Américo Leite Rosa e Silvino Vieira; direção Musical de Frederico de Freitas; som de Sousa Santos; montagem de Vieira de Sousa; assistente geral, Fernando Garcia; caracterização de António Vilar; assistentes, Júlio Vicente Ribeiro, Celestino Soares e César dos Santos.

Logo o título “O Pátio das Cantigas” indicava que não faltariam canções no decorrer do filme. Assim foi, com efeito. Eram elas «São João Bonito» e «Primeiro Fado». com autoria musical de Frederico de Freitas e letras de António Lopes Ribeiro; ainda três sambas originais e uma canção, «Manolita», do argentino Carlos Flores.

Alguns curtos excertos de críticas de vários jornais

No «Diário de Notícias», K dizia: «As figuras perpassam em anotações espantosas, em aproveitamento das suas possibilidades de interesse, e a história segue, sem atropelos, valorizada aqui e além por um «gag» bem achado, por uma frase de espírito, por um trocadilho gracioso, por um efeito bem tirado, por uma evasão desordenada, mas inteiramente feliz, para o domínio da fantasia pura».

No «Século», Augusto Fraga referia: «O vincado interesse do nosso público por espetáculos que lhe garantam motivos alegres, simples como a sua própria alma, formados de graça ou de sentimentalismo a que não falta a atracção mórbida do fado, justifica bem o género a que pertence este nosso filme português. Classifiquemo-lo, portanto, como um esplêndido espetáculo popular».

No «Diário de Lisboa», Visor 51 escrevia: «...um jogo de quatro-cantinhos e de equívocos que no final se esclarecem a contento de todos e até do público que não sofre um momento de cansaço, por obra dos quase permanentes motivos de riso e alguns de boas gargalhadas, e se entenece em certas passagens ligeiramente sentimentais».

Na «Voz», Eugénio Navarro diria: «O problema de descrever todas as figuras que intervêm no filme, de as movimentar em tão escassos limites, sem fastio para o público, foi resolvido com facilidade. A sorte das personagens interessa-nos e o seu pitoresco diverte-nos; a sua alegria ou a sua dor fazem-nos participar da vida delas. Mas a grande qualidade do filme é a sua salutar alegria e atmosfera risonha e festiva em que decorre a ação, atravessada de chalaças inofensivas e hilariantes. A «Produção António Lopes Ribeiro» apresentou mais um filme realizado em curto espaço de tempo e com as melhores garantias de êxito, que o público aplaudiu entusiasmado no dia da estreia».

E para concluirmos diremos que «Pátio das Cantigas» contava 14 partes e 3597 metros, tendo custado à produção 1200 contos.

A sua estreia teve lugar no Eden a 23 de janeiro de 1942.

M. Félix Ribeiro in “Filmes, Figuras e factos da História do Cinema Português 1896-1949”



Francisco Ribeiro (como realizador)

“O Pátio das Cantigas” (1942); “As Rodas de Lisboa” (1951)